



Adelaide Negri: a Semíramis que São Paulo verá.

“Semiramide”, muitos elogios ao elenco

JOÃO CANCIO PÓVOA FILHO

No século 19, a *Semiramide*, de Rossini, excursionou vitoriosamente pelos palcos líricos, enquanto existiram sopranos e mezzos-coloratura do porte de Giuditta Pasta, Maria Malibran, Henriette Sontag, Giulia Grisi, Carlotta Marchisio, Thérèse Titiens e Adelina Patti, notáveis Semíramis, e Benedetta Pisaroni, Pauline Viardot, Marietta Brambella, Zélie Trebelli e Barbara Marchisio, não menos famosos Arsace. As irmãs Garcia (depois Maria Malibran e Pauline Viardot) viveram, respectivamente, Semíramis e Arsace, na primeira temporada de ópera italiana jamais realizada nos Estados Unidos, o que ocorreu em 1827, no Park Theatre de Nova York. A extraordinária Malibran era capaz de personificar qualquer dos dois papéis, proeza que, em nossos dias, Maria Callas poderia ter realizado, se houvesse incluído a ópera no seu repertório.

Coube às irmãs Marchisio (Carlotta e Barbara) cantar em 1860, na Ópera de Paris, a versão francesa em quatro atos, numa tradução de Joseph Mery e com acréscimo do indefectível “ballet”, composto por Michele Carafa, a pedido do próprio Rossini.

Semiramide chegou ao Brasil no Segundo Reinado, quando o Imperial Teatro S. Pedro de Alcântara, do Rio de Janeiro, era o templo sagrado do bel canto: ali subiu à cena no dia 2 de dezembro de 1847, com a então estreante Adelaide Tassini Mugnay (Semíramis), Carlota Canonero (Arsace), Francesco Massiani (Idreno) e Giacomo Sicuro (Assur), regendo Gioacchino Giannini, o futuro mestre de Carlos Gomes. O êxito não deve ter sido pequeno, já que o espetáculo foi repetido quatro vezes no decorrer da temporada.

Em São Paulo a *Semiramide* também foi ouvida durante o Império, exatamente a 21 de março de 1884, no Teatro São José, tendo por intérpretes Eugenia Leone (Semíramis), Dionísia Zani (Arsace), Domenico Del Negro (Assur) e Giulio Sansone (Oroe). Nessa época, a *Semiramide* ia aos poucos desaparecendo dos cartazes, e, ao que consta, a última grande ‘performance’ da ópera foi a 12 de janeiro de 1894, no Metropolitan de Nova York, com três estupendos artistas: Nellie Melba (Semíramis), Sofia Scalchi (Arsace) e Edouard de Reszké (Assur). Essa aparente negligência por partitura tão valiosa tem, é claro, explicação lógica, que inclusive é válida para tantas outras jóias do repertório oitocentista: com o prestígio crescente de Wagner e a ascensão do verismo, foram escasseando os cantores capazes de arcar com o virtuosismo vocal desse repertório. E a *Semiramide* é realmente ambiciosa: requer não apenas um soprano dramático-coloratura, mas um mezzocoloratura, um tenor-coloratura e até um barítono-coloratura! Assim, durante quase meio século sumiu do cartaz.

Todavia, na 2.ª metade do século 20, entramos numa época de renascimento operístico, e, maximé a partir do fenômeno Maria Callas, estamos assistindo à exumação de obras pré-românticas, interpretadas com musicalidade e bom-gosto, sem os exageros canoros que haviam contribuído para poluir e desprestigiar a escola do bel canto.

Ante essa nova mentalidade e esse novo interesse, a *Semiramide* voltou à cena no Teatro Comunale de Florença, durante o “Maggio Musicale Fiorentino” de 1940, com Gabriela Gatti, Ebe Stignani, Ferruccio Tagliavini e Tancredi Pasero, sob a regência de Túlio Serafin. Depois, o Scala de Milão abriu-lhe as portas em 1962, cantando Joan Sutherland, Giulietta Simionatto, Wladimiro Ganzarolli e Gianni Raimondi, dirigindo Gabriele Santini, numa execução igualmente histórica, porque foi a 1.ª preservada em registro magnético, permitindo que a ópera fosse divulgada entre os melômanos, através da chamada “gravação pirata”. Desde então, o soprano Joan Sutherland como que se apoderou do papel de Semíramis, na maioria das vezes com o precioso concurso do célebre mezzocoloratura da atualidade, Marilyn Horne (1964, em Los Angeles e Nova York, em versão-concerto; 1965 em Boston e na Austrália; 1968 na RAI). A ela e a seu marido Richard Bonyngue se deve a primeira e única gravação da ópera, em som estereofônico, que data de 1966 e conta com Marilyn Horne (Arsace), Joseph Rouleau (Assur), John Serge (Idreno) e Spiro Malas (Oroe). O reparo que se pode fazer à gravação é a supressão da ária-coloratura de Idreno (“Ah, dov’è il cimento”), talvez por tratar-se de uma pièce de résistance para o tenor, pontilhada que está de dois agudos, à maneira da cavatina de Arnold do Guilherme Tell. Além disso, alterou-se o final voltairiano e constante da partitura original, fazendo-se Arsace matar Assur, e não a rainha.

Mais alguns anos se passam e eis que a Ópera de Caracas, no último mês de fevereiro, programa uma nova montagem da *Semiramide*, com o mesmo elenco que irá cantá-la, hoje, no Municipal de São Paulo. A propósito, e para esclarecimento dos leitores, vale observar que a crítica do espetáculo venezuelano feita pela prestigiosa revista “Opera News”, de Nova York (maio de 1980, pag. 43) tece calorosos elogios ao conjunto.

A *Semiramide* foi, também, a grande atração do “Festival International d’Art Lyrique et de Musique d’Aix en Provence”, nos meses de julho e agosto deste ano, numa magnífica montagem de Pler-Luigi Pizzi, com Montserrat Caballé e Marilyn Horne nos principais papéis. E já se anuncia que, para a temporada de 1981-1982 das óperas de Turim, Genebra e Covent Garden, a *Semiramide* subirá à cena, com a mesma montagem de Aix en Provence, e tendo nos dois papéis centrais Katia Ricciarelli e Lucia Valentini Terrani.